

O HISTORIADOR E MILITANTE EVERARDO DIAS: DILEMAS DO PASSADO E DO PRESENTE DO MOVIMENTO OPERÁRIO BRASILEIRO

Patricia Sposito Mechi³

RESUMO

O artigo apresenta sucintamente a trajetória de Everardo Dias, intelectual revolucionário no início do século, militante comunista, maçom, escritor e jornalista, dentre algumas de suas facetas. A diversidade de sua trajetória se reflete em seus escritos e permite recuperar múltiplos elementos da história do movimento operário brasileiro. Neste trabalho, procurou-se evidenciar as potencialidades de pesquisa contidas na obra do autor e apresentou-se uma reflexão sobre as temporalidades presentes em seu livro *História das Lutas Sociais no Brasil* a partir do resgate do que o autor escreveu em torno do primeiro de maio, analisando os significados que o evento possuía na reflexão do autor. Por fim, discutiu-se a recuperação da obra de Everardo Dias como elemento de reflexão interna na historiografia marxista.

Palavras-chave: Intelectuais de esquerda. Marxismo. Movimento operário. Historiografia

3. Professora de História Contemporânea na Universidade Federal do Tocantins (UFT), doutora em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: patriciam@uft.edu.br

*THE HISTORIAN AND MILITANT EVERARDO DIAS: DILEMMAS
OF THE PAST AND PRESENT IN THE MOVEMENT OF BRAZILIAN
WORKERS*

ABSTRACT

The article briefly describes the trajectory of Everardo Dias, intellectual revolutionary in the early twentieth century, communist militant, Mason, writer and journalist, among some of its facets. The diversity of his career is reflected in his writings and allows you to retrieve multiple elements of the history of the Brazilian labor movement. In this work, we tried to highlight the potential of research in the work of the author and presented a reflection on the present temporalities in his book *History of Social Struggles in Brazil* since the rescue of what the author wrote about the May 1 by analyzing the meanings that the event had the reflection of the author. Finally, we discussed the work of recovery Everardo Dias as an internal reflection on Marxist historiography.

Keywords: Left-wing intellectuals. Marxism. Labor movement. Historiography

I. Um intelectual do movimento operário

Everardo Dias foi um intelectual militante comunista-anarquista, historiador do movimento operário, maçom e jornalista. O Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro Pós-1930 o apresenta como

(...) importante militante do movimento operário brasileiro nas primeiras décadas desse século. Maçom, destacou-se por suas posições anticlericais. Dirigiu o jornal *O Livre Pensador*, de São Paulo. Em 1919, após a realização de uma greve na capital paulista, foi preso e deportado. De volta ao Brasil em 1920, participou no ano seguinte da fundação do Grupo Clarté do Brasil, organização que reunia operários e intelectuais simpáticos às teses da Revolução Russa⁴.

Autor do famoso manifesto aos soldados durante a greve de 1917, publicou *Jesus era Anarquista* no Jornal *A Plebe*, periódico conhecido por seu anticlericalismo característico da maçonaria. Como maçom, continua sendo reverenciado pela Ordem até os dias atuais. No sítio da internet, mantido pela “Ordem”, é possível ler o artigo de José Castelani intitulado *A Loja Ordem e Progresso e Everardo Dias, maçom e líder operário e libertário*⁵. Seu nome batiza a *Loja Simbólica Everardo Dias*, fundada na cidade de São Paulo em 1966, ano de sua morte, aos 83 anos.

Os movimentos sociais e sindicais dos últimos anos da ditadura civil-militar instalada em 1964 eram debatidos no *Centro de Estudos Everardo Dias*, o qual editou, a partir de 1978, a revista *Cara a Cara*, um importante periódico de discussão sobre o movimento operário do final da década de 1970. O versátil militante é lembrado em diferentes situações, entre elas, pelos fundadores do PCB, nas referências ao anarquismo do início do século XX e nas discussões sobre a Greve Geral de 1917. A diversidade de referências que têm Everardo Dias como “exemplo” nos remete à multiplicidade de papéis que soube representar

4. http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/everardo_dias

5. O texto a que nos referimos pode ser encontrado na página da internet, como também outras referências a Everardo Dias. Disponível em: www.lojaordemeprogreso.com.br/hist_everardo.html. Acesso em 12 jul. de 2011.

em sua trajetória política, a qual só é inteligível no contexto sociocultural e político do final do século XIX e início do século XX. Nesse contexto, não se consideravam incompatíveis tantas e tão diversas influências num só intelectual.

O PCB abrigava intelectuais com múltiplas referências teóricas em sua formação. O partido dava expressão à diversidade teórica dos intelectuais revolucionários, resultado de “uma mistura insólita entre anarquismo, comunismo”(RIDENTI, 2010, p. 11). Um exemplo dessa “mistura insólita” é o livro *Delenda Roma* que Everardo Dias ofereceu ao não menos célebre anarquista Edgar Leuenroth com a seguinte dedicatória: “A Edgar Leuenroth, bom amigo e incansável paladino do Bem”. Essa aproximação entre um maçom e um anarquista não era vista com estranhamento à época. Todos se sentiam unidos em luta comum contra o que consideravam arcaico: a República Velha.

Nos anos de 1910, Everardo aproxima-se do movimento operário. Era tipógrafo, uma das categorias mais combativas no período. Na greve de 1917, redige o manifesto aos soldados, considerado a mais importante contribuição intelectual ao movimento, mas seu envolvimento com o partido se adensa nos anos seguintes, em que atua, de maneira expressiva, na greve de 1919, escrevendo “panfletos”.

Uma explicação sobre as aproximações entre aqueles intelectuais de formação e matrizes tão diversas foi dada por Ridenti: “todos estariam do lado do bem contra o mal, encarnado na ordem estabelecida do Estado Oligárquico e na Igreja Católica” (RIDENTI, 2010, p. 11). Independentemente das disparidades internas e de formação, todos negavam a “ordem oligárquica” e atacavam seus pontos de apoio – entre eles, a Igreja Católica. Assim, eram homens de ação, práticos, que sabiam deixar de lado divergências, concentrando-se nos combates presentes, e colocavam pra si objetivos que podiam ser alcançados na ação imediata: não eram portadores de um projeto de transformação social comum, mas concordavam quanto ao que deveria ser combatido na estrutura social brasileira.

Entre os representantes das diversas correntes do pensamento social brasileiro da época, encontravam-se até mesmo os espíritas e o espiritismo, com sua pretensa cientificidade. O anarquismo, o anticlericalismo, a maçonaria, o comunismo e o espiritismo expressavam a recusa, de uma parte expressiva dos intelectuais aos valores da “sociedade oligárquica” e ao peso que a Igreja Católica possuía nela. Buscavam construir alternativas “modernas” para contrapor ao

“arcaico”: um mosaico de referências diversas compunha o arsenal teórico de que se serviam para combater uma sociedade que definiam como “anacrônica” e “ultrapassada”.

A geração de Everardo Dias conviveu com as contradições do positivismo, do tenentismo, do anarquismo, do comunismo, do anticlericalismo, elementos que moldaram o pensamento dos intelectuais brasileiros de diversas maneiras. Everardo Dias transitou entre todas essas influências, perfilhando um caminho a partir do qual os historiadores podem recuperar diversos elementos da intelectualidade revolucionária daquela época.

Não existe ainda um estudo profundo sobre a atuação de Everardo Dias que dê conta de compreender sua complexa trajetória, suas inflexões teóricas diante das diversas matrizes que o influenciavam, além de seu papel na organização e na reflexão interna do movimento operário brasileiro. No entanto, Marcelo Ridenti, em *Brasilidade Revolucionária*, dedica a ele um denso capítulo e apresenta-o como a expressão de aspectos característicos da “brasilidade revolucionária” nascente. O conceito de “brasilidade revolucionária” utilizado por esse estudioso ilumina muitos aspectos da trajetória de Everardo Dias e mostra a importância de análise reflexiva sobre os primeiros expoentes da nossa conformação intelectual.

Ridenti entende que a brasilidade é a

propriedade distintiva do brasileiro e do Brasil’, fruto de um certo imaginário da nacionalidade próprio de um país de dimensões continentais, que não se reduz a mero nacionalismo ou patriotismo, mas pretende-se fundador de uma verdadeira civilização tropical (RIDENTI, 2010, p. 09).

Mas a brasilidade revolucionária se referiria a uma vertente que se identificaria com os partidos, as ideias, os movimentos de esquerda e que se expressaria também nas obras e nos movimentos artísticos. Ridenti caracteriza a brasilidade revolucionária como aquela em que se fazia “(..) uma aposta nas possibilidades da revolução brasileira, nacional-democrática ou socialista, que permitiria realizar as potencialidades de um povo e de uma nação” (RIDENTI, 2101, p. 10).

Everardo Dias expressaria um sentimento de

brasilidade revolucionária nascente, em seu encontro com

o imigrante originário do movimento operário paulistano – forçado ao exílio em nome de supostos valores nacionais que os grevistas de 1919 estariam violando –, com os trabalhadores “morenos” de Recife. Depois, no seu envolvimento com o comunismo, o jornal *A Nação* e ainda os tenentes (RIDENTI, 2010, p. 10).

Intelectual que é expressão de uma brasilidade revolucionária em seus primórdios, dono de múltiplas facetas, elegemos trabalhar neste texto com sua dimensão de historiador militante do movimento operário, tomando como referência seu livro *História das Lutas Sociais no Brasil*.

2. O primeiro de maio dos comunistas e trabalhistas em História das lutas sociais no Brasil

A mais importante colaboração de Everardo Dias nos meios acadêmicos para o estudo do movimento operário é o livro *História das Lutas Sociais no Brasil*, referência obrigatória em estudos sobre as lutas sociais brasileiras e que concentra sua reflexão na primeira década do século XX. Mas não é sua única produção relevante.

Outro de seus livros, *Memórias de um Exilado*, fornece condições para recuperar elementos sobre a questão do envolvimento do imigrante com as lutas sociais no início do século, assim como refletir sobre as condições de encarceramento durante a república velha, já que na obra Dias relata diversas de suas prisões, além de informar sobre as condições de encarceramento em prisões em que não esteve presente, através do depoimento de outros militantes. Também é relevante o conjunto de suas publicações como jornalista, além de suas intervenções na imprensa operária e anticlerical. Sua obra compõe um farto material de pesquisa ainda pouco explorado.

O livro *História das Lutas Sociais no Brasil* apresenta múltiplos aspectos de interesse ao historiador. Um deles é ser fonte para a reflexão sobre a história da esquerda, já que, como se mencionou, o texto é referência obrigatória nos estudos sobre o movimento operário. Temos por hipótese que é possível trabalhar com algumas temporalidades distintas, que se sobrepõem e complementam, na obra

em foco. Uma delas é a temporalidade do tempo presente e remete o pesquisador a questões, como: por que se recorre à obra de Everardo Dias na atualidade? Quais elementos o olhar contemporâneo pode entrever nos seus escritos dos anos 60 do século XX? Autores de que filiação teórico-política utilizam os escritos do militante como fonte histórica e de que maneira?

Questões que aparentemente são corriqueiras no fazer historiográfico, tais como voltar-se para o passado para perceber as rupturas e as permanências, as linhas de continuidade e as mudanças de rota, são questões que devem ser matizadas quando se trata de uma obra produzida dentro de uma vertente que reflete sobre si mesma. O que se argumenta é que a obra de Everardo serve de referência para historiadores inscritos na mesma vertente teórica, o marxismo. Por isso apontamos a abordagem da obra a partir do tempo presente, uma vez que, ao recorrerem a ela, estudiosos retomam, atualizam, repõem e redimensionam questões latentes no presente do interior do pensamento marxista brasileiro.

Não se pode falar em um único marxismo em parte alguma do mundo, inclusive no Brasil, contudo não é possível também atribuir às diversas correntes no interior dessa vertente uma autonomia completa em relação a algumas matrizes. Nesse caso, referimos a influência que intelectuais vinculados ao PCB, hegemônico no movimento operário até, pelo menos, os anos 60 do século XX, exerceram sobre as gerações posteriores. O mais célebre deles, Caio Prado Júnior, ainda hoje tem sua obra lida não apenas como registro de uma interpretação do Brasil, mas ela também é tomada como fonte de inspiração para as visões e interpretações que são construídas nos dias atuais.

A geração de Everardo Dias também impactou sobremaneira as gerações posteriores de intelectuais revolucionários e militantes de esquerda. Sua obra é retomada quando se trata de produzir uma reflexão interna no marxismo que tem como finalidade subsidiar um projeto de transformação social. Nela, os historiadores dessa vertente buscam compreender quais os elementos fundantes do projeto da esquerda, quais matrizes teóricas o conformavam, em que medida esse projeto se remetia e correspondia à realidade brasileira e, finalmente, por que o projeto não logrou êxito em momentos aparentemente favoráveis às mudanças.

Outra temporalidade que se pode mencionar na obra de Everardo Dias é interna ao texto. *História das Lutas Sociais no Brasil* foi escrito em 1961, momento de efervescência do movimento operário, de grande ascensão das lutas sociais de trabalhadores urbanos e rurais. Mas também um momento de intensos

debates no interior do PCB que resultariam em uma série de rompimentos e no surgimento de diversas organizações a partir de 1962.

É no bojo do avanço das lutas sociais e da “convocação” do PCB para a direção do movimento que o autor escreve. O militante inicia o texto indicando a data da escrita de sua Introdução: “Estamos escrevendo essas linhas no 1.º de maio de 1961” e, imediatamente, se remete ao passado, descrevendo a atmosfera da militância no início do século, destacando a importância da atuação dos militantes “ao inculcar no ânimo dos trabalhadores o princípio elementar da solidariedade, da união e da unidade proletária” (DIAS, 1961 p.18); o autor atribui importância também às atividades de propaganda através de jornais, folhetos, comemorações, conferências, festivais, conhecidas estratégias anarquistas de atividade educativa e de elevação da consciência dos trabalhadores. Trata-se da terceira temporalidade da obra: o tempo que é a matéria-prima da sua produção: as lutas sociais no início do século.

A referência ao primeiro de maio não é casual. O autor busca criar um vínculo entre as grandes movimentações de massa do passado, numa época em que a perspectiva vanguardista não tinha ainda se imposto ao PCB, ou seja, não se tratava, ainda, de um partido nos moldes leninistas, um partido em que um pequeno número de militantes se dedicaria à agitação, à propaganda e às ações violentas. Em que contexto partidário Everardo Dias rememorava as grandes agitações do passado do movimento operário brasileiro?

Em 1960, o PCB realizou o seu V Congresso, em que uma nova orientação política foi adotada. O partido, que se caracterizou nos anos cinquenta do século XX por ser um partido de quadros, um partido leninista, a partir do V Congresso avaliou que o Brasil apresentava condições para a adoção de um outro tipo de organização partidária: o PCB propunha-se a ser um grande partido de massas.

Avaliava-se também que a situação brasileira era favorável à criação de um governo de coalizão que representasse as forças nacionalistas e democráticas, incluindo os comunistas; apontava-se para a necessidade do fortalecimento do partido na organização e direção das lutas populares.

Nessa conjuntura, em que se entreabria a possibilidade de participação num governo popular e democrático, a concepção do partido como uma pequena organização, voltada para a agitação e a propaganda, era considerada um estágio superado. Era necessário que o partido se tornasse efetivamente um partido de

massas, “poderoso do ponto de vista numérico e organizativo, consciente e firme do ponto de vista político e ideológico” (DIAS, 1961, p. 69).

Expressando também os dilemas do autor em seu presente, o texto de Everardo Dias recupera também as dificuldades de organização na república velha, particularmente no que se refere à organização sindical, pois, segundo ele, os sindicatos tinham vida muito precária, expostos constantemente ao fechamento arbitrário, a visitas policiais, à prisão de seus membros mais destacados, à remoção de seus móveis e livros para serem destruídos como planta perigosa e amaldiçoada (DIAS, 1961p. 20).

A reflexão novamente se vincula à atuação contemporânea do PCB. Abandonada a perspectiva vanguardista, os olhares dos comunistas se voltam para pensar uma intervenção qualitativamente superior nas organizações dos trabalhadores. Nesse aspecto, o autor rememora os erros do passado anarquista na condução sindical sem, contudo, mencionar o seu passado anarquista, como se não tivesse sido um participante ativo das lutas sociais na República Velha.

O Primeiro de Maio, identificado como momento da escrita do texto, novamente aparece problematizado quando o autor está discutindo o caminho para a superação do atraso brasileiro, se remetendo a um dos famosos pronunciamentos de Vargas à nação: “Achamo-nos numa encruzilhada, onde teremos que escolher entre dois caminhos: o da reforma social voluntária e consciente ou a violência que nada constrói” (VARGAS apud DIAS, 1962, p.21).

O recurso a essa fala de Vargas também expressa a defesa da posição majoritária no interior do PCB. O tema do caminho para a revolução, se pacífico, que era a posição com maior número de adeptos no partido, ou se violenta, defendida por grande parte daqueles que romperiam com o PCB ao longo da década de sessenta, é resgatado através da fala de Vargas. Mas, por que a escolha de Getúlio Vargas como porta-voz da defesa do caminho pacífico?

No início dos anos 60, o PCB se aproximava cada vez mais do governo. A partir da ascensão de João Goulart, com a renúncia de Jânio Quadros em 1961, os vínculos se estreitaram a ponto de Prestes declarar: “Nós já estamos no poder, embora ainda não tenhamos o Governo nas mãos”. Utilizar Vargas para argumentar sobre a necessidade de uma reforma social voluntária, sem

as violências de uma revolução, era uma operação que vinculava o PCB ao herdeiro político de Getúlio Vargas, João Goulart. A aliança entre comunistas e trabalhistas se explicitava num marco temporal tão caro a ambas as correntes políticas: o primeiro de maio.

A subentendida via pacífica ganha contornos importantes quando Dias critica a violência dos anarquistas no início do século. Os anarquistas são alvos de duras críticas do autor, por exemplo, a respeito da estratégia dos libertários em utilizar as greves não como uma ação voltada à conquista de melhorias no interior do sistema capitalista, e sim como um instrumento de tomada do poder; as greves eram entendidas como o início e o fim das lutas sociais e os sindicatos, como a organização em que se plasmava a nova ordem. No pensamento anarquista, o partido, mais do que desnecessário, é pernicioso, pois tenderia à burocratização e ao autoritarismo. Dias aponta como ilusórias as perspectivas espontaneístas defendidas pelos anarquistas:

Ninguém, que não alimente sonhos como realidades, terá a fantasia de sustentar hoje a teoria do golpe de Estado, ou a tomada do poder mediante uma greve geral revolucionária, antes tão preconizada e que encheu o cérebro de tantas coletividades, e que fazia parte das pregações de não poucos teóricos anarquistas, coletivistas, comunistas (DIAS, 1962 p.22).

Não somente os anarquistas são criticados por Dias. Os “coletivistas e os comunistas aparecem lado a lado com os libertários”. Essa afirmação do autor revela a consciência da aproximação entre esses diversos grupos no início do século, aproximação da qual o próprio autor é fruto.

As debilidades da organização operária no início do século são identificadas como a ausência de um operariado volumoso, com longa trajetória de luta, já que o proletariado brasileiro

não existia, a não ser nas roças, e era incapaz de se submeter a horário regrado e apitos e exigindo certo aprendizado. (p.18) Por outro lado, a presença de estrangeiros também contribuía para as dificuldades das primeiras organizações operárias, já que esse elemento era instável, discordante, ambicioso dissidente. Ainda

não tinha sido aglutinado, absorvido, não era ainda o ‘ povo brasileiro’ de nossos dias (DIAS, 1962 p.19).

A ausência do operariado justificaria, naquele contexto, a existência de um partido de quadros, como foi o PCB até a década de 50. O contexto no qual o autor escreve, contudo, com um operariado volumoso e em ascensão, seria o momento do partido de massas. Curioso no trecho acima é a crítica à presença de estrangeiros nas organizações partidárias, visto que ele mesmo nasceu na Espanha e só veio para o Brasil com dois anos de idade.

Outra referência significativa ao primeiro de maio é a polêmica que o autor trava com Rodrigo Duque Estrada a respeito do marco fundacional do movimento operário brasileiro. Duque Estrada publicou um artigo na Revista Brasiliense, no ano de 1958, intitulado “Primeiras Ideias Socialistas no Brasil”, e Dias produz um capítulo, no História das Lutas Sociais no Brasil, de mesmo nome, como resposta. No artigo de Duque Estrada, segundo Dias, o autor apresenta um marco fundacional do movimento operário que não corresponderia à realidade.

Dias apresenta nesse capítulo, assim como ao longo de sua obra, a ideia de que o marco de fundação do movimento operário organizado no Brasil é a fundação do PCB. Ganha relevo o papel do partido, pois Dias vê o PCB como o legítimo representante da vanguarda da classe operária. Na época (e, em alguns casos, até hoje), os partidos comunistas não admitiam a existência de mais do que uma “vanguarda” do operariado, o que levava todos os partidos e organizações a se autodefinirem como o verdadeiro partido. O autor, militante do PCB, mesmo tendo identificado lutas sociais anteriores, só poderia considerar como válido um marco de nascimento do movimento operário que coincidissem com a fundação daquele que era, no seu entendimento, o partido de vanguarda.

Não é nosso objetivo enveredar pela crítica interna à ideia de partido de vanguarda ou trilhar o caminho da invenção de uma memória pelo partido. A memória não é, nesse caso, uma construção arbitrária, uma invenção intencional de um mito fundador do movimento operário. Everardo Dias, ao definir como divisor de águas o nascimento do PCB, opera a partir de um campo de referenciais teóricos, de questões e dilemas que indicam uma dada compreensão da história, em que as expressões da luta de classes, compreendidas em seu sentido amplo, são tomadas como explicativas da sociedade, e é a partir dessa

concepção que o autor apresenta a fundação do PCB.

Em síntese, Dias não constrói uma memória a respeito da fundação do movimento operário; ele apresenta essa memória, uma memória histórica, a partir da imanência do próprio movimento operário, no interior do qual ele se coloca como intérprete. Isso significa dizer que Everardo Dias escreve a história do movimento operário a partir de vínculos profundos com a compreensão que tinha da década de 60, e fazia da sua atividade intelectual uma ação voltada para a emancipação social, dando uma consistência prática a seus escritos historiográficos.

3. O historiador Everardo Dias e o marxismo contemporâneo

História das Lutas Sociais no Brasil é um livro citado de maneira recorrente na historiografia do movimento operário, uma historiografia que tem apresentado inúmeros estudos, particularmente a partir do final dos anos 70, com a emergência do novo sindicalismo no Brasil e do ressurgimento dos movimentos populares organizados. Acompanhando o movimento das pesquisas que trabalham os séculos XIX e XX, o tema do movimento operário também passou a apresentar novas dimensões, novos objetos e novas problematizações. Essa ampliação do campo e das abordagens nem sempre está preocupada em responder a questões e dilemas internos ao próprio movimento operário, característica que foi marcante nos trabalhos anteriores à década de 80.

As novas conformações historiográficas contemporâneas, que deslocam o campo da história da ciência para as franjas da ficção, questionam seu estatuto de cientificidade e, conseqüentemente, apontam para uma falta de objetividade intrínseca ao fazer historiográfico, colocam em xeque as possibilidades de uma historiografia que se baseia na perspectiva política de projetos coletivos e de horizontes utópicos. Sem dúvida, a contemporaneidade desse debate recoloca a necessidade de repensar os argumentos teóricos que sustentaram o campo da produção historiográfica que tinha esse horizonte de transformação social como fio condutor da ação dos historiadores, que influenciava a escolha dos objetos, indicava os problemas e as questões e apontava para a História como o lugar de buscar respostas às necessidades de emancipação dos trabalhadores.

A matriz teórica que tinha a transformação social através da emancipação

dos trabalhadores como meta era o marxismo. Ao longo de todo o século XX, movimentos de aproximação e distanciamento da obra de Karl Marx buscaram construir entendimentos da sociedade capazes de garantir ferramentas para sua superação. Muito já se falou sobre os erros e os acertos e sobre a multiplicidade de interpretações e recepções que a obra de Marx e de seus intérpretes, como Lenin e Trotsky (e, também, Stálin e Mao Zedong, que se autocaracterizavam como renovadores do marxismo, ou como os “intérpretes” autorizados), recebeu. As simplificações da dialética marxiana e as distorções do marxismo oriundas das interpretações soviéticas e chinesas, entre outras, deixaram um pesado fardo às vertentes teóricas que buscam inspiração na obra do filósofo alemão. Uma das tarefas dessas vertentes é desfazer os equívocos gerados por décadas de hegemonia soviética. Um dos equívocos mais recorrentes é a identificação da matriz stalinista, “o marxismo”, pelos seus críticos.

A obra de Everardo Dias apresenta os dilemas internos do PCB, que, mesmo sendo um partido sob a órbita de Moscou, tinha discordâncias com a matriz, o que gerava intensos debates no interior do partido, que também se apropriava de uma maneira particular, ainda que esquemática, do que era produzido pelo PCUS. Não se podem reduzir os intelectuais comunistas brasileiros a uma influência soviética que teria gerado neles uma perda total de autonomia. Nunca é demais lembrar que intelectuais do porte de Caio Prado Júnior e Jacob Gorender, entre tantos outros, foram militantes do PCB.

A historiografia marxista, hoje, debruça-se também sobre seu passado, refletindo sobre suas formas de fazer e pensar a História. Hoje ela se coloca como uma atividade teórica que mantém a perspectiva da transformação social, tem a verdade como um valor, mas que reconhece sua transitoriedade, sua relatividade e seu papel no interior de uma sociedade de classes (HOBSBAWM, 1998). É uma historiografia sem dúvida vigorosa e que ainda traz categorias que não perderam sua função explicativa da sociedade, cuja centralidade ainda está na luta de classes.

É a partir da constatação da vitalidade dessa historiografia que a recuperação da obra de Everardo Dias adquire sentido. A obra do autor permite uma reflexão interna sobre a historiografia marxista brasileira, já que seus escritos são marcados pelas diversas influências recebidas por essa vertente teórica, mas também apresenta uma série de temas que permitem refletir sobre muitos aspectos, tanto do movimento operário em particular quanto da situação dos trabalhadores,

dos intelectuais de esquerda, dos imigrantes e dos partidos, dentre algumas possibilidades. Em sua atividade como militante e historiador, Dias produziu obras em que emergem múltiplas possibilidades de interpretação, iminentes à obra. Um autor que merece ser estudado em profundidade, já que sua trajetória ilumina muitos aspectos da história do movimento operário brasileiro.

Recebido em julho de 2012.
Aprovado em julho de 2012.

4. Referências

ABREU, Alzira Lopes de & BELOCH, Israel (coord.) **Dicionário Histórico e Biográfico Brasileiro após 1930**. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2001.

DIAS, Everardo. **História das Lutas Sociais no Brasil**. São Paulo, Edaglit, 1962.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo, Cia das Letras, 1998.

RIDENTI, Marcelo. **Brasilidade Revolucionária: um século de cultura e política**. São Paulo, Editora da Unesp, 2010.

ORIENTAÇÕES PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA CADERNOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFRPE

A Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE é uma publicação semestral do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE, Campus Dois Irmãos. Define-se como um periódico científico que se dedica à publicação de artigos, resultantes de atividades de pesquisa, resenhas, traduções e entrevistas. Propõe-se a divulgar a produção acadêmica nas Ciências Sociais e áreas afins.

Serão aceitos para a publicação na Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE artigos científicos inéditos, caracterizados como de interesse à difusão de idéias e ao desenvolvimento das áreas de Ciências Sociais e áreas afins.

O material para publicação deverá ser encaminhado de acordo com o disposto nas normas para publicação da revista. Os autores, ao submeterem artigos para publicação na Revista Cadernos Ciências Sociais da UFRPE, serão legalmente responsáveis pela garantia de que o trabalho não constitui infração de direitos autorais, isentando o Departamento de Ciências Sociais da UFRPE, e o Comitê Editorial da Revista, de qualquer responsabilidade.

Os trabalhos serão examinados pelo sistema *Double Blind Review*, no qual os autores não são identificados pelos pareceristas em nenhuma fase do processo da avaliação e vice-versa.

Os artigos científicos submetidos à análise para publicação na Revista Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE devem ser originais, não tendo sido publicados em outros meios de comunicação ou estarem sendo avaliados para publicação em outro periódico. Devem apresentar contribuição para o debate nas Ciências Sociais e áreas afins.

Para garantir o anonimato no processo de avaliação, o(s) autor(es) deve (m) anexar o arquivo com o artigo sem qualquer identificação no texto. Um arquivo complementar deverá ser anexado com a identificação do(s) autor(es) devendo-se incluir nome completo, vínculo institucional, vínculo com programas de pós-graduação e grupos de pesquisa, endereço postal e eletrônico. Neste arquivo